

CRÔNICAS DE PEPETELA

Donizeth SANTOS*

PEPETELA. **Crônicas com fundo de guerra**. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2011.

Crônicas com fundo de guerra, livro publicado em março de 2011 em Portugal pelas Edições Nelson de Matos, traz uma seleção de crônicas do escritor angolano Pepetela, escritas entre 1992 e 1995 e publicadas no mesmo período pelo jornal português *Público*. Para o leitor brasileiro que conhece apenas o lado romancista do escritor, o livro não deixa de ser uma agradável surpresa.

São 31 crônicas no total: “O bacalhau do Natal”; “Kianda dos nossos sonhos”; “Choveu em Luanda”; “Cidade das acácias rubras”; “O canto do matrindinde”; “O processo”; “Maria da fonte”; “O tri africano”; “Os bandos”; “O homem-cobra”; “Agarra que é polícia!”; “As kinguilas”; “O kimbanda do sida”; “Meninos da rua”; “Língua e sapateado”; “Os malucos”; “As reinaugurações”; “Crônica dos bichos”; “Empresários de rua”; “O conquistador de Benguela”; “As teias da História”; “A propósito de caça”; “Pacaças e óvnis”; “A sarinização do mundo”; “O vento fresco”; “O perito americano”; “Os letrados”; “Feiticeira ou louca, tanto faz”; “Os apelos”; “A arte da diplomacia” e “Herbívoros e carnívoros”.

A maioria delas aborda assuntos sociais, culturais, políticos e econômicos contemporâneos da Angola dos anos 1990, ambientadas nas cidades de Luanda e Benguela, como a sobrevivência do hábito português de se comer bacalhau na noite de Natal na sociedade angolana pós-independência, a crença dos angolanos no mito da Kianda, o grande número de carros importados circulando nas ruas da capital, as cambistas e os empresários de rua, a ganância de alguns setores da sociedade, a corrupção do aparelho estatal, os menores abandonados, os boatos sensacionalistas que correm pelas cidades, entre outros temas.

Mas também há cinco delas que remetem à infância do escritor na cidade de Benguela, ambientadas na sociedade colonial dos anos 1950. São recordações dos hábitos de criança, dos amigos, das brincadeiras mais comuns, das travessuras, das disputas dos grupos de garotos rivais, do medo da polícia, e também de animais que povoavam o dia a dia e o imaginário do garoto Pepetela.

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – donizeth.santos@hotmail.com

E há outras duas que são crônicas históricas que falam sobre a fundação da cidade de Benguela no começo do século XVII. Em todas elas, praticamente, o autor mantém o seu olhar arguto sobre Angola, seja a do passado, seja a do presente, com uma prosa leve, agradável, crítica e ao mesmo tempo bem-humorada, na qual está sempre presente a sua marca pessoal: a ironia

Quanto à guerra, termo que faz parte do título do livro, ela se faz presente no momento da escrita das crônicas, pois todas elas foram produzidas (entre 1992 e 1995) durante a guerra civil angolana, que teve início um pouco antes da independência do país em 1975 e só terminou em 2002, com a morte do líder guerrilheiro Jonas Savimbi da Unita. Dessa forma, a guerra fazia parte do cotidiano do escritor naquele período, como uma ponta de angústia e preocupação permanentes, sem, no entanto, que ela esteja internalizada em todos os textos que compõem o livro. São apenas algumas crônicas que fazem menção a ela, e, “no entanto a guerra estava presente”, como diz na capa do livro.

Dessas crônicas, merecem destaque duas delas, “A sarinização do mundo” e “O conquistador de Benguela”, pelo fato de serem embriões de romances futuramente escritos pelo autor: *O quase fim do mundo*, publicado em 2008, e *A sul. O sombreiro*, livro publicado por Pepetela no final de 2011.

“A sarinização do mundo” aborda a preocupação do escritor com a proliferação de seitas religiosas, que por vezes cometem pequenos genocídios em nome da pureza religiosa e étnica. Assim, o narrador hipoteticamente imagina que a seita japonesa Verdade Suprema,¹ no ano de 1997 (lembramos que essa crônica foi escrita em 1995), concebe uma bem elaborada estratégia para provocar o fim do mundo. Para viabilizar tal projeto, seus membros, espalhados pelo mundo todo, são rigorosamente treinados para lançar num mesmo instante gás sarin pelos quatro cantos do planeta, por aviões e tubulações de água, de esgoto, de gás e outras formas possíveis de se disseminar o veneno. No entanto, engano nos cálculos da quantidade de gás necessária e negligência de alguns membros fazem que o plano não tenha o êxito esperado e somente as nações desenvolvidas (econômica e militarmente) sejam totalmente aniquiladas, ao mesmo tempo que escapam ilesos milhares de negros, ameríndios e asiáticos, que por sua vez vão recomeçar a vida na Terra. Tal enredo, guardadas as devidas proporções, pela diferença de gênero, é o mesmo de *O quase fim do mundo*.

Em “O conquistador de Benguela”, Pepetela concentra-se na emblemática figura de Manuel Cerveira Pereira, o fundador da cidade das acácias rubras. Segundo apontamentos que o escritor recolheu junto ao livro *O reino de Benguela*, do historiador Ralph Delgado, Manuel Cerveira, inicialmente governador de Angola, era detestado e temido pelos habitantes de Luanda, tendo sido, até

¹ A seita Verdade Suprema foi a responsável pelo atentado com gás sarin ao metrô de Tóquio em março de 1995. No episódio, morreram 12 pessoas e mais de cinco mil ficaram feridas.

mesmo, preso e enviado a Lisboa, acusado de assassinatos, torturas, roubos do erário público e dos colonos, e, pasmem, da sedução de 25 das 50 mulheres portuguesas casadas residentes na colônia. Apesar de todas essas acusações, ele foi absolvido pelo rei Filipe e nomeado, em 1615, governador e conquistador do Reino de Benguela. Fundada a cidade, com o objetivo de encontrar as fabulosas minas de cobre, o governador enfrentou constantes rebeliões internas, vingando-se cruelmente dos rebelados. No entanto, numa delas, debilitado pelas febres, não resistiu e foi expulso da colônia. Não se sabe como Manuel Cerveira, doente e ferido, sobreviveu à viagem de cinco dias a Luanda, e lá, tratado pelos padres da Companhia de Jesus, recompôs a saúde e conseguiu apoio do rei para reconquistar Benguela. Ao contrário do que se supunha, a retomada da cidade foi pacífica e não houve nenhum derramamento de sangue, como era de esperar dado o perfil de Manuel Cerveira. Ao finalizar a crônica, Pepetela retoma a afirmação que fizera no início do texto de que o governador “era um personagem digno de romance” e indaga: “não era mesmo um personagem de ficção?”. Bom, se não era agora é, pois o escritor angolano tratou de torná-lo o protagonista do seu mais recente romance *A sul. O sombreiro*, publicado em Angola e Portugal em setembro de 2011.

Desse modo, Pepetela, depois de publicar quase duas dezenas de romances, dois dramas (*A corda e A revolta da casa dos ídolos*) e um livro de contos (*Contos de morte*), premia seus leitores com um livro de crônicas, temperado com o mesmo sabor da prosa de seus romances e contos. Resta agora saber se futuramente virá um livro de poesias. Aguardemos!

Recebido em: 13/01/2012

Aceito em: 18/12/2012